

Feminismo festeja nos gabinetes

Movimento feminista perdeu terreno para os gabinetes oficiais nos últimos anos

LINA DE ALBUQUERQUE

O movimento feminista está institucionalizado. No Dia Internacional da Mulher, celebrado hoje, muitas brasileiras estarão trancadas em seus gabinetes organizando projetos, preparando relatórios e colhendo denúncias impensáveis de serem feitas há 15 anos, quando a ONU decretou o Ano Internacional da Mulher.

Em 1975, época em que o movimento ensaiava os primeiros passos no Brasil, ser feminista tinha uma conotação negativa. "Vivia-se sob o fogo cruzado", sublinha a antropóloga Cyntia Sarti, autora de uma tese sobre o assunto. "Para a direita, o feminismo era perigoso, imoral. Para a esquerda, reformismo burguês. Para outros, simplesmente antifeminino."

Hoje, a conotação negativa fica por conta de um dos maiores trunfos e, paradoxalmente, mais notável problema do movimento: a sua oficialização. Ao ser incorporado no espaço político institucional, a partir de 1982, o feminismo ganhou legitimidade, mas perdeu terreno como movimento social. O seu ingresso no aparelho do Estado, no entanto, não pode ser desprezado. As Delegacias de Defesa da Mulher, criadas em agosto de



1985, tiveram ampla atuação prática na defesa das vítimas de violência. Do mesmo modo, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, fundado no mês seguinte, foi responsável por muitas conquistas na nova Consti-

tuição, entre elas a redefinição do conceito de chefia da sociedade conjugal.

"Tudo indica que o impacto das recentes lutas sociais das mulheres ressoará na ordem institucional", concluiu Cyntia

Sarti, 35 anos, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas. Ela teve uma atuação intensa no jornal *Nós Mulheres*, um dos principais porta-vozes do movimento entre 1976 e 1978. Na sua opinião, o feminismo foi se enfraquecendo a partir do momento em que muitas mulheres passaram a perceber que, se continuassem a espelhar o modelo masculino, não chegariam a muita coisa. A fórmula radical do feminismo — "trabalho + orgasmo = felicidade" — começou então a desmoronar.

"Numa relação erotizada, você gosta e não se lamenta de ser mulher", avalia a antropóloga. Por volta de 1980, Cyntia Sarti chegou a romper definitivamente com o feminismo. Depois parou, pensou, reviu a sua posição: "O movimento feminista, com todas as suas contradições, foi e ainda é responsável pela conquista da igualdade de direitos entre homem e mulher".

Em Brasília, Jacqueline Pitanguy, ex-presidente do Conselho Nacional de Direitos da Mulher, que se demitiu em julho passado em protesto contra as interferências do ministro da Justiça, Oscar Dias Correia, assegura que vai comemorar esta data. "O ministro cortou verbas, reduziu pessoal e tirou do bolso do colete as 17 novas conselheiras", ela lamenta. "Mas há muito o que comemorar hoje, porque a gente conta o jardim pelas flores e não pelas folhas que caíram." (colaborou Elza Pires, de Brasília)

Obra estuda pós-feminismo

Ao pegar o bonde do movimento feminista já andando, as mulheres da faixa dos 30 anos passaram a experimentar um sentimento de permanente inadequação diante dos modelos femininos existentes. Ao mesmo tempo que não se adaptavam aos padrões tradicionais, não encontravam respostas no discurso das feministas. Sem pretensão de ser uma categoria sociológica, como as feministas, essa geração preferiu buscar caminhos mais pessoais e menos dogmáticos.

"Eu não quero nem virilidade, nem fragilidade: quero agilidade", diz uma das entrevistadas da psicoterapeuta junguiana Vera Paiva, professora de Psicologia da USP, personagem do seu primeiro livro *Evas, Marias, Liliths — as voltas do feminino*. Lançado hoje na Livraria Brasiliense, o livro consiste numa reflexão sobre a condição da mulher nascida nos anos 50. Ele foi baseado em oito depoimentos de mulheres de nível superior entre 28 e 35 anos, cujo rendimento mensal médio é da ordem de dez salários mínimos.

"Estas mulheres quiseram recuperar o 'feminino' como um valor, defendendo a sensualidade, a alimentação, a maternidade, e a relação generosa com os homens", nota a psicoterapeuta. A questão principal para es-



sas mulheres, observa, não foi poder trabalhar, mas conciliar o trabalho e outras funções para as quais se sentiam exigidas. "As vivências em comunidades, o movimento hippie e a coragem social das feministas as ajudaram a encontrar um novo modo de se situar", prossegue.

Uma das características dessas mulheres, e também das que vieram depois, é o desapego às verdades únicas e definitivas. São pessoas que experimentaram viver diversos "arquétipos femininos", no jargão junguiano. Uma das personagens, por exemplo, admite ter usado a "guilhotina" para "cortar o corpo fora". Na fase seguinte, diz ter "caído na galinhagem", ao recuperar o corpo. Foi ao "fundo do poço", viveu uma crise pessoal e profissional. Reafirmou-se, tornou-se "amélia", pensou em ter filhos.

"Elas são capazes de transar os mil lados do feminino em 15 anos", afirma Vera Paiva, que tem 36 anos, um filho de dois e está no nono mês de gravidez. "Transar", aliás, é um verbo-chave. Ele é um dos que mais aparece nas falagens. E tem múltiplos sentidos: namorar, casar, manter relações sexuais, ser amigo, ou simplesmente se relacionar com alguém ou com uma situação. "Hoje não me considero mulher, eu me considero pessoa, e, se alguém me trata como mulher, eu falo: 'O senhor está enganado... sou uma pessoa'. Eu já consigo falar isso com calma", revela outra personagem do livro. (L. A.)

Católica defende aborto

CRISTINA PORTELA

Misógina e manipuladora. Com esses adjetivos pouco gentis, a médica uruguaia Cristina Grell, coordenadora na América Latina do movimento Católicas pelo Direito de Decidir, caracterizou a relação da cúpula de sua Igreja com fiéis do sexo feminino. "Existem um ódio ancestral contra a mulher", afirma ela. Em visita a São Paulo para participar de debates sobre o Dia Internacional da Mulher, Cristina explicou por que um movimento católico defende um dos temas mais polêmicos do ideário feminista — o direito ao aborto —, considerando uma heresia pela parcela majoritária dos integrantes de sua fé.

"A Igreja não deve impor às mulheres decisões que só a elas cabe tomar", opina a médica. Considerar a prática do aborto um atentado contra a vida e um pecado sujeito à excomunhão não teria sido uma concepção imutável durante a história do catolicismo. "Até meados do século XIX, a interrupção voluntária da gravidez não era considerado um homicídio", afirma. Como acreditava Santo Tomás de Aquino, o feto só adquiria alma a partir dos 40 dias de gestação, no caso do homem, ou 80 dias, se fosse mulher — e a Igreja limitava-se a condenar o aborto por destruir a conexão necessária entre o ato sexual e a procriação.

"Hoje, a Igreja adota uma terminologia mais científica para continuar negando a se-

xualidade", declara a feminista. Para Cristina, essa posição se torna evidente quando o Vaticano, além de proibir o aborto, desaconselha também a utilização de métodos contraceptivos. "Os homens da cúpula estão distantes da realidade, principalmente da América Latina, onde milhões de crianças nascem sem ter casa, comida e educação garantidas."

Esses dogmas, segundo a líder católica, criaram na mulher um sentimento de culpa, utilizado pela Igreja para manter o seu domínio. "Quando se sente culpado, um cristão torna-se um ser frágil e sem capacidade de se rebelar", acrescenta. Essa manipulação da figura feminina teria sua expressão máxima nas fileiras da própria Igreja, onde as mulheres são afastadas do sacerdócio.

Divorciada, mãe de quatro filhos, Cristina não chegou a essas conclusões sem passar por várias crises. "Ser feminista e católica eram duas verdades para mim, às quais eu não queria renunciar", conta ela. O conflito pessoal foi superado com sua integração ao movimento de católicas feministas. "A partir daí começaram outros tipos de conflitos, envolvendo a hierarquia da Igreja em meu país". Um dos mais recentes — e graves — aconteceu em novembro do ano passado, quando a Conferência Episcopal Uruguaia ameaçou o grupo que dirige com a excomunhão. "Em matéria de mulheres, os padres só conhecem a Virgem Maria", afirma.